



Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico. ISSN: 2446-6778
Nº 1, volume 2, artigo nº 09, Janeiro/Junho 2016
D.O.I: <http://dx.doi.org/10.20951/2446-6778/v2n1a9>

A INSERÇÃO DE AFRODESCENDENTES NO MERCADO DE TRABALHO DE RAUL SOARES E REGIÃO

Fernando de Sousa SANTANA¹
FUPAC

Samuel Gonçalves PINTO²
FUPAC

Wilton Natal MILANI³
FUPAC

Jussara Fernandes LEITE⁴
FUPAC

Ciythia Martins BRAZ⁵
FUPAC

Resumo: Entre as conseqüências da escravidão no Brasil, a precária inserção do negro no mercado de trabalho está entre as mais evidentes. Assim, este trabalho objetiva discutir como a dinâmica do mercado de trabalho expressa os padrões vigentes nas relações raciais que se apresentam na sociedade de Raul Soares e região e como a questão racial interfere para designar lugares para trabalhadores negros. Para alcançar o objetivo proposto, foi feito uso da pesquisa exploratória através de um estudo de caso composto por um questionário aplicado a diversos empresários da região, utilizando a técnica Delphi, para tabular os resultados, uma vez que se trabalhava com dados qualitativos, além de se valer das pesquisas bibliográficas e documentais. Pelos resultados da pesquisa não há como negar que houve avanços, mas de uma maneira geral, a desigualdade vivida na sociedade brasileira também reflete nos locais de trabalho.

Palavras chave: Desigualdades, mercado, negros, trabalho.

Abstract: Among the consequences of slavery in Brazil, poor insertion of the black labor market is among the most obvious. Thus, this paper aims to discuss how the dynamics of the labor market expressed the prevailing standards in race relations that arise in society Raul Soares and region and how the racial question interferes to designate places for black

¹ Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ponte Nova - FUPAC, MG, professorsantana@ig.com.br

² Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ponte Nova - FUPAC, MG, professorsantana@ig.com.br

³ Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ponte Nova - FUPAC, MG, professorsantana@ig.com.br

⁴ Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ponte Nova - FUPAC, MG, professorsantana@ig.com.br

⁵ Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ponte Nova - FUPAC, MG, professorsantana@ig.com.br

workers. To achieve the proposed goal, was made use of exploratory research through a case study consists of a questionnaire applied to several businessmen in the region, using the Delphi technique to tabulate the results, since it is working with qualitative data, and make use of bibliographic and documentary research. The search results there is no denying that there have been advances, but in general, the inequality experienced in Brazilian society also reflects the workplace.

Keywords: Inequalities, market, black, work.

1 - Introdução

A discrepância da realidade social e econômica entre negros e brancos é o cerne da discussão teórico-dedutiva deste trabalho, concretizada a partir da exposição dos principais determinantes da realidade sócio-econômica do negro de RAUL SOARES e região, em conformidade com o cenário econômico destas localidades.

Para a elaboração deste artigo, foram definidos como negros os representantes de um grupo social, afrodescendente (pardos mais pretos, assim definidos em publicações estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE), em que características como educação, inserção na força de trabalho e mobilidade social são semelhantes, refletindo uma vivência socioeconômica muito próxima.

O presente artigo fundamenta-se na idéia de que a interpretação de fatos econômicos que constituem a realidade brasileira, somente pode ocorrer a partir de uma prévia compreensão contextual histórica, delimitando e reconhecendo os determinantes da conjectura em questão.

Assim o trabalho apóia-se na análise de umas das mais destacadas injustiças sociais vivenciadas no Brasil: a concentração de renda, acreditando ser este um problema estrutural que exerce influências sobre tantos outros déficits socioeconômicos brasileiros.

Será apresentada também uma análise estatística das taxas de ocupação por negros de postos de trabalho de qualidade no mercado de trabalho RAULSOARENSE a fim de se verificar a existência de um quadro de desigualdade social e econômica, pois a discussão a respeito da discriminação racial na literatura econômica brasileira é relativamente incipiente e recente quando comparada à literatura internacional, destacando-se os trabalhos de Henriques (2001), que traça um amplo perfil das desigualdades raciais no Brasil e de sua evolução na década de noventa, Calvalieri e Fernandes (1998) e Soares (2000), que procuram identificar e quantificar a discriminação (de raça e gênero) existente no mercado de trabalho brasileiro.

A despeito da relevância deste estudo, faz-se necessário considerar que o artigo

procura retratar a discriminação no mercado de trabalho no âmbito de uma cidade interiorana, ao contrário de outros trabalhos que o fazem levando-se em consideração regiões metropolitanas, pois, sabemos que o Brasil é um país bastante heterogêneo do ponto de vista regional, não havendo, pois, razão para esperar que o perfil da discriminação no mercado de trabalho seja o mesmo entre as diversas regiões do país.

Conhecer em maior detalhe esse perfil regional é sem dúvida relevante, seja com o intuito de obter um retrato mais preciso da questão, seja com a finalidade de desenhar políticas públicas que possam lidar com ela .

Assim o presente artigo propõe-se a discutir como a dinâmica do mercado de trabalho expressa os padrões vigentes nas relações raciais que se apresentam na sociedade de RAUL SOARESe região e como a questão racial interfere para designar lugares para trabalhadores negros nesta sociedade, valendo-se da hipótese que existe uma discrepância não somente no número de vagas ocupadas por negros, bem como o valor médio dos rendimentos percebidos pelos mesmos é inferior do que quando ocupados por não negros.

Com essa intenção foi feito uso da pesquisa exploratória através de um estudo de caso composto por um questionário aplicado a diversos empresários da região, utilizando-se técnicas de estatística descritiva para tabular os resultados, além de se valer das pesquisas bibliográficas e documentais para corroborar os dados obtidos.

2- Identidade e Relações Étnicas em questão

Nação, do latim natio, de natus (nascido), é a reunião de pessoas, geralmente do mesmo grupo étnico, falando o mesmo idioma e tendo os mesmos costumes, formando, assim, um povo, cujos elementos componentes trazem consigo as mesmas características étnicas e se mantêm unidos pelos hábitos, tradições, religião, língua e consciência nacional. Mas, a rigor, os elementos território, língua, religião, costumes e tradição, por si sós, não constituem o caráter da nação. São requisitos secundários, que se integram na sua formação. O elemento dominante, que se mostra condição subjetiva para a evidência de uma nação assenta no vínculo que une estes indivíduos, determinando entre eles a convicção de um querer viver coletivo. É, assim, a consciência de sua nacionalidade, em virtude da qual se sentem constituindo um organismo ou um agrupamento, distinto de qualquer outro, com vida própria, interesses especiais e necessidades peculiares. A nação preexiste

sem qualquer espécie de organização legal.

Do ponto de vista do Direito Constitucional moderno (a partir do século XVIII), o povo é o conjunto dos cidadãos de um país, ou seja, as pessoas que estão vinculadas a um determinado regime jurídico, a um estado. Um povo está normalmente associado a uma nação e pode ser constituído por diferentes etnias. Na linguagem vulgar, a palavra povo pode referir-se à população de uma cidade ou região, a uma comunidade ou a uma família; também é utilizada para designar uma povoação, geralmente pequena. Do ponto de vista histórico, o termo "povo" (do latim "populu", do etrusco "pupluna") teve acepções bem diferentes. Para os gregos e romanos, o povo, que tinha a capacidade de decidir sobre os assuntos do estado, era composto apenas pelos cidadãos com disponibilidade para isso.

Identidade é o conjunto de caracteres próprios e exclusivos com os quais se podem diferenciar pessoas, animais, plantas e objetos inanimados uns dos outros, quer diante do conjunto das diversidades, quer ante seus semelhantes. Sua conceituação interessa a vários ramos do conhecimento (história, sociologia, antropologia, direito, etc.), e tem portanto diversas definições, conforme o enfoque que se lhe dê, podendo ainda haver uma identidade individual ou coletiva, falsa ou verdadeira, presumida ou ideal, perdida ou resgatada.

Além disso, a identidade é um processo de construção de um sujeito historicamente situado (PIMENTA, 2002), sendo influenciada pelo complexo cenário da contemporaneidade em que vivemos (BAUMAN, 2001, 2005). Assistimos a constituição da identidade docente como um processo dinâmico e em constante movimento, no qual o professor se defronta com mudanças, incertezas, pluralidade de valores e a busca por assegurar ou construir novas formas de identificação na atualidade.

Estando inseridos habitualmente em sua estrutura de sociedade, muitas vezes não paramos para indagar sobre o quanto o seu surgimento alterou as relações inter-humanas por todo nosso planeta.

A marginalização dos negros ocorre dentro de um contexto histórico, processo de abolição da escravidão e formação econômica moderna, onde a estrutura de classes da sociedade nacional está se constituindo e como consequência teremos o posicionamento desfavorável dos negros, devido a forma de inserção desigual na estrutura de classes, no que se refere a renda, escolaridade e ocupação. Em outros termos, poderíamos dizer que o Estado a partir da segunda metade do século XIX, pós-1850, e, principalmente, início do século XX, até meados dos anos 40, foi o veículo primordial da formação de um mercado de

trabalho fundado na exclusão dos negros e descendentes.

Esse mercado de trabalho, estruturado de cima para baixo pelo poder estatal, privilegiava os indivíduos brancos e dificultava o acesso de outros grupos raciais tendo em vista a crença, então em voga por aqui, a respeito da superioridade dos brancos. Essa ideologia racial irá, evidentemente, dificultar a inserção dos negros no nascente mercado de trabalho tendo em vista sua suposta inferioridade e a discriminação racial será, então, uma das marcas visíveis que o negro encontrará na busca por trabalho.

O negro não se beneficia tanto da expansão econômica como se poderia esperar. A onda imigratória atinge grandes proporções, e os novos imigrantes são absorvidos pelo novo mercado de trabalho, com a proteção de seus patrícios, e em detrimento do negro, que continua marginalizado. É nesse período que o negro incorpora grande parte de atitudes que dando origem a avaliações negativas a serem, mais tarde, manipuladas pelo branco empregador, para a discriminação racial sistemática.

Tendo vivido num sistema escravista, o negro desconhece o valor da poupança, não responde positivamente aos estímulos econômicos. Tendo conhecido a maldição do trabalho, ele quer gozar do ócio como bênção. Trabalha só para adquirir o mínimo necessário para sua subsistência durante um certo tempo de ócio. A elevação de seu salário além de suas necessidades mínimas (que ainda eram as mesmas necessidades mínimas de um escravo) incentivava-o a largar o serviço com mais frequência e gozar ócios mais prolongados. Daí nasce a noção avaliatória de negro preguiçoso, negro irresponsável e sem ambição, que a memória coletiva vai guardar e usar mais tarde.

A negação do passado científico e tecnológico dos povos africanos e a exacerbação do seu “caráter lúdico” foi uma das principais façanhas do eurocentrismo e que ainda hoje abala fortemente a auto-estima da população africana e da diáspora, pois os “métodos”, “conceitos” e muitos cientistas europeus deram a impressão ao restante do mundo, de que as populações africanas não tiveram uma contribuição relevante para a construção do conhecimento universal. Isso fica bastante evidente em vários trabalhos de pesquisas empreendidos por cientistas preconceituosos que descreveram a África como um continente eternamente pré-histórico, bárbaro, cujos habitantes, no geral, se apresentam como seres bestiais, incapazes de construir ou transmitir conhecimentos relevantes.

O movimento de revisão e contestação científica dessa “suposta história oficial da humanidade” deve tributos a cientistas e historiadores como Cheick Anta Diop, Theophile Obenga, Molefi K. Asante, Ivan Van Sertima, George G.M. James, Kabengele Munanga,

Elisa Larkin Nascimento, Carlos Comitini, Helena Teodoro Lopes, Sueli Carneiro, Nei Lopes e outros. O mérito reside justamente no fato de terem desafiado acadêmicos eurocêntricos (historiadores que têm como referência o tradicional modo europeu de observar a história) a uma reflexão a respeito de a quem se deve realmente creditar a primazia do nascimento da humanidade e do processo civilizatório, além de questionar os parâmetros preconceituosos de análise histórica, ainda vigentes no meio acadêmico em relação aos povos africanos e da diáspora.

Acreditamos que esses estudos, aos poucos, não só têm tomado campo nas universidades brasileiras, mas, principalmente, têm instrumentalizado militantes, especialmente educadores negros e negras que desenvolvem atividades em movimentos sociais em prol da cidadania da população negra no Brasil. Essa mudança de perspectiva tem sido acompanhada de conquistas importantes, como é o caso da recente aprovação da Lei 10.639, que versa sobre o ensino da história da África nas escolas.

3 – A população negra e o mercado de trabalho em RAUL SOARES e região

Dados apurados pelo IBGE (2013), revelam que apesar de a população negra ter maior participação no mercado de trabalho ainda ganha menos do que os não negros e ocupa os postos de serviços menos valorizados. Mesmo quando o nível de escolarização se eleva e se equipara ao da população não negra, os cargos ocupados pelos negros são os de menor prestígio hierárquico e os salários são inferiores.

De fato, o acesso dos negros à universidade e à qualificação é menor. No entanto, quando aumentam o grau de escolaridade, individualmente têm uma melhora de renda. Mas não é suficiente para reduzir desigualdade, porque apesar de melhor remuneração, ela continua menor se comparada com a dos não negros.

Apesar de os índices relativos ao biênio 2013-2014 revelarem progresso em relação à maior ocupação dos negros e menor desemprego na região de RAUL SOARES/MG, uma vez que 43,54% dos postos de trabalhos daquela região estarem ocupados por negros, essa população segue tendo seu esforço produtivo menos reconhecido. Em média, suas remunerações por hora ficavam limitadas a 62,9% do ganho-hora dos não negros.

A pesquisa englobou as cidades de RAUL SOARES, Matipó e Rio Casca, por serem as mesmas importantes polos comerciais, concentrando, portanto, número expressivo de postos de trabalho.

Dos negros ocupados no mercado, 43,3% não haviam concluído o ensino

fundamental (que vai do 1º ao 9º ano) e apenas 11,6% concluíram o ensino superior. Entre a população não negra, 13,8% dos ocupados não terminaram o ensino fundamental e 43,4% formaram-se em uma faculdade. Este cenário se reflete nos ganhos salariais, apesar de não ser determinante para as desigualdades constatadas.

Os negros, em todas as estruturas produtivas, estão em ocupação de menos prestígio, e mesmo quando têm maior escolaridade, estão em níveis mais precarizados.

Os dados são uma comprovação de que existe um papel grande da discriminação racial no mercado de trabalho. A despeito do aumento da escolaridade 55,5% dos empresários entrevistados afirmam que o negro vai se manter na ocupação que exige menos escolaridade, uma vez entenderem que esta fatia da população é mais propensa a trabalhos braçais que exigem o emprego de força.

A pesquisa comprovou também que quanto maior o nível do patamar de escolaridade, a desigualdade entre a remuneração de negros e não negros aumenta. Na indústria de transformação, a desigualdade de rendimento por hora dos negros em relação aos não negros é de 18,6% no ensino fundamental incompleto e de 48,5% para aqueles com ensino superior completo. Ou seja, quanto maior o nível de escolaridade, maior a desigualdade entre negros e não negros.

No setor da construção, em que a qualificação exigida se apóia mais na experiência do que na escolaridade, a desigualdade entre os rendimentos por cor é menor: variou de 5,5% dentre os ocupados com ensino fundamental incompleto e 12,6% para aqueles com superior completo.

2 – Ações Afirmativas

Apesar do desemprego ter diminuído entre os negros e não negros, e apesar de haver maior inserção dos primeiros no mercado, a pesquisa mostra diferenças no acesso.

O mercado teve melhora como todo, e isso é fruto do desempenho econômico, do crescimento, da melhoria de condições gerais. A população negra, em alguma medida se beneficiou, aumentou sua ocupação, mas a desigualdade de inserção se mantém.

As políticas afirmativas na educação, como a adoção de cotas por universidades públicas, para maior inserção social da população negra, elas não são suficientes para mudar significativamente o cenário do mercado de trabalho.

A política de cotas teve impactos positivos, pois cria mais oportunidades e eleva a

escolaridade da população negra, mas não é único elemento para acabar com desigualdade no mercado de trabalho.

É preciso avançar em outras políticas específicas para o mercado de trabalho. O movimento sindical tem iniciado esse debate, tem aparecido bastante nas negociações coletivas, para que este tema seja debatido no espaço das empresas, uma vez que o preconceito racial é subjetivo, mas tem um reflexo objetivo no mercado.

O fato é que as políticas macroeconômicas e as de caráter redistributivo, como o Bolsa Família, contribuíram para diminuir a desigualdade de renda, mas a distância é muito grande”, comenta Marcelo Paixão. Os limites ficam mais evidentes, diz ele, quando se analisa a possibilidade de mobilidade dos negros dentro do mercado de trabalho. “Essas políticas gerais não afetam a maneira como os afrodescendentes chegam ao mercado, nem como são tratados dentro dele. A estrutura do vínculo com cor e raça não muda”, afirma. Hoje, os negros são maioria nos setores econômicos com as piores condições laborais – agricultura, construção civil e trabalhos domésticos – e também nas posições mais precárias, sendo a maioria entre os profissionais não remunerados e assalariados sem carteira.

Em outras palavras, embora melhorem as condições de vida da população negra, políticas que ignorem a questão racial não ajudam a superar a expressão real do preconceito e da discriminação. O mesmo se dá no acesso à saúde ou no aproveitamento das oportunidades educacionais.

3 – Considerações Finais

A análise do mercado de trabalho no município de RAUL SOARES e região através das categorias de cor abre possibilidades de indicar a natureza das variações na estrutura do emprego. Esse caráter apenas indicativo está dado pela precariedade das estatísticas existentes.

A fase de expansão do emprego na região produz uma flexibilização favorável à população negra, entretanto, os fatores que conduzem esses grupos para o desemprego e para inatividade operam de forma seletiva. Ao nível das informações que permitam esclarecer esses movimentos parece imprescindível abordar o mercado de trabalho informal, buscando estabelecer as relações que se estabelecem entre esses segmentos seccionados do mercado.

As reflexões sobre o lugar do negro no mercado de trabalho tal como foi aqui

conduzido sugere apenas um campo abrangente de pesquisa. O trabalho conseguiu apontar dimensões extremamente importantes para fornecer evidências sobre a rigidez da estrutura do emprego que aciona mecanismos semelhantes da estrutura hierarquizada da sociedade brasileira.

A quantidade e ainda a igualdade de oportunidades de emprego que sugerem os planos de desenvolvimento constituem uma ficção, e as empresas agem sobre o mercado de trabalho verticalizando formas de seleção discriminatória da força de trabalho, fazendo com que a população negra ocupe lugares à margem da dinâmica do emprego, como foi visto nas estatísticas apresentadas.

Existe, nesse quadro desalentador, uma boa notícia. A discriminação salarial contra a população negra vem caindo ainda que em taxas muito lentas.

Em termos de políticas públicas, esses resultados apontam para a possibilidade de políticas de ação afirmativa (nas linhas de políticas de quotas) para negros serem úteis no combate à discriminação. Se a sociedade está restringindo o acesso dos negros à boa educação ou aos bons postos de trabalho, então cabe ao poder público garantir esse acesso, principalmente em termos educacionais.

Referências

ABREU, Alice. **Mudança tecnológica e gênero no Brasil**. Novos Estudos. Cebrap., n.35, São Paulo, março/1993.

ACEVEDO, R. e CASTRO.E. **Negros dos Trombetas**. GEU/UFPA. Belém. 1993

ACEVEDO, R. **Tierras y afirmación política de Grupos Rurales Negros en La Amazonia Brasileira**, In:Después de la Piel, 500 anos de Confusión entre Desigualdad y Diferencia, Misiones, Revista Contextos; 1994.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Tempos líquidos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. **Vida líquida**. 2. ed. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CASTRO, Edna. **Do Castanhal a Fabrica - padrões tecnológicos e formas de gestão**. In: Novos Padrões Tecnológicos e formas de Gestão em Indústrias Brasileiras. USP/FEA/UNICAMP, São Paulo, 1989

CASTRO, Nadya A. e BARRETO, Vanda S. de Sá. - **Os Negros que dão certo: mercado de trabalho, mobilidade e desigualdades ocupacionais**. Revista Brasileira de Estudos de População. V. 9, n. 2 Jul/dez 1992

CAVALIERI C. E. e FERNANDES R. **Diferenciais de salários por gênero e cor: uma comparação entre as regiões metropolitanas brasileiras**, Revista de Economia Política, v.18, nº 1 (69). 1998

HENRIQUES, R., 2001. **Desigualdade Racial no Brasil: Evolução das Condições de Vida na Década de 90**. Texto para Discussão 807. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2013); <http://www.ibge.gov.br.htm>, Acesso em: janeiro 2015

JUHN, C., PIERCE, B. E MURPHY, K. **Wage Inequality and the Rise in Returns to Skill**. In: Journal of Political Economy , v. 101, n. 3, p. 410-442. 1993.

OAXACA, RONALD. **Male-Female Wage Differentials in Urban Labor Market**. In: International Economic Review, v. 14, n. 3, p. 693-709. 1973.

PIMENTA, S. G. O professor: formação, identidade e trabalho docente. In: _____. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 3ed. São Paulo: Cortez, 2002.

ROY, A. D . **Some Thoughts on the Distribution of Earnings**. In Oxford Economic Papers, v. 3, p. 135-146. 1951BEZERRA, Francisco Antonio;

SOARES S. S. D. **O perfil da discriminação no mercado de trabalho – homens negros, mulheres brancas e mulheres negras**. IPEA (Texto para Discussão nº 769). 2000